Antonio D. Rogieri

MATUTINHO

2023

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Rogieri, Antonio Donizeti

Matutinho – 2ª Edição – Campinas-SP. - 2023

Capa e diagramação: Vicktor Flores
Revisão: Tuany Teixeira da Silva

Trata-se de uma linda história de amor entre dois adolescentes que, além de vizinhos, estudavam na mesma escola desde o ensino fundamental.

Apesar de todo o amor que sentiam um pelo outro, eles mal conseguiam se falar de tão acanhados. Porém, com o passar do tempo e tantos acontecimentos inesperados, os dois viveram uma história intensa com muitas surpresas e emoções.

Proibida a reprodução total ou parcial.

Email do autor: drrugeri01@gmail.com

ISBN – 978-85-69840-64-0

Dedicado ao papagaio Lourinho que, para a tristeza de todos que o rodeavam, faleceu durante a elaboração deste livro;

Dedicado também ao Capitão, fiel e amado cachorro, companheiro de todas as horas.

— Se você não parar de olhar para Candinha, não vai conseguir queimar ninguém Matutinho — gritava e gesticulava a professora Francesca durante as brincadeiras de queimada dos alunos contra as alunas na hora do recreio.

Matutinho até que tentava, entretanto, como a sua atenção estava sempre voltada para o seu grande amor que jogava no time adversário, ele nunca conseguia queimar ninguém, o que, diga-se de passagem, não era demérito algum para um garoto tão inteligente quanto ele, pois, quando o assunto se referia à resolução de problemas dentro da sala de aula, Matutinho era tão rápido que o comentário mais ouvido entre os seus colegas de classe era de que ele sabia mais do que a sua própria professora, e isso a cada dia que passava se tornava mais evidente, tamanha era a sua agilidade para resolver qualquer tipo de exercício.

Com aproximadamente treze anos de idade, Matutinho morava com seus pais Geronimo e Dolores num sítio conhecido como Fundão, e a sua casa construída com barro, bambus e cipós no topo de uma montanha tinha tantos buracos na parede que qualquer pessoa que dali se aproximasse poderia ser vista lá de dentro.

No interior daquela humilde construção, além de um velho rádio, alguns móveis e um quadro, já amarelado pelo tempo com a foto de seus avós, havia também, num dos cantos da sala de estar, uma escada de madeira com mais de quatro metros de altura que dava acesso ao seu quarto. Aquele compartimento era tão minúsculo que, para não bater a cabeça no telhado, Matutinho tinha que permanecer deitado o tempo todo.

Embora morasse praticamente isolado da civilização, Matutinho era muito feliz naquele lugar. Todas as manhãs logo que se levantava da cama, enquanto ele subia no

fogão de lenha para se aquecer, sua mãe se dirigia até a porta da cozinha e gritava:

— Malhada! Malhada!

Não demorava muito e uma velha vaca já se posicionava em frente à casa para que ela retirasse o leite que todos necessitavam.

Depois que um caneco daquele saboroso alimento, misturado com pedaços de polenta, era consumido inclusive pelo cachorro Lorde, enquanto Dolores se preparava para os trabalhos domésticos e Geronimo seguia em direção à lavoura de cana onde capinava até o anoitecer, Matutinho calçava um velho par de tênis, uma calça jeans e uma camisa branca de mangas compridas que faziam parte de seu uniforme, apanhava a sua mochila abarrotada de materiais escolares e saía em disparada montanha abaixo.

Antes de seguir para a escola, contudo, Matutinho passava pelo meio do pasto, encontrava-se com a vaca malhada,

agarrava-lhe as tetas, tomava mais alguns goles de seu delicioso leite, passava também por um cavalo de nome Tamoio, montava por um lado e descia pelo outro, acariciava-lhe a crina e logo em seguida penetrava por uma trilha no meio do canavial e partia em disparada todo feliz, porém toda aquela felicidade não era só pelo simples fato de estar indo à escola, mas principalmente porque Candinha, o grande amor de sua vida, também estudava lá, e na mesma classe que ele.

Todas as noites a família se reunia na sala de estar bem em frente ao quadro e, diante dos olhares daqueles antepassados que pareciam observá-los o tempo todo, tinham como hábito detalhar tudo o que havia se passado com cada um deles no decorrer do dia que acabara de findar.

No final daquelas reuniões, iluminados tanto pela claridade da lua que adentrava pelas frestas das paredes, portas e janelas entreabertas, quanto por um lampião de

querosene, ficavam ouvindo atentamente a programação da única estação que o velho radio conseguia sintonizar. Às vezes o aparelho parava repentinamente de funcionar, Matutinho apanhava uma agulha de costura, dava algumas espetadas dentro de uma de suas enormes válvulas, e o receptor, sabe-se lá como, voltava a funcionar. Quando nem as espetadas eram suficientes, uma simples chacoalhada já era mais que o bastante para que o locutor voltasse a tagarelar.

Quando a programação terminava, mesmo já em estado de pura indolência, Matutinho implorava:

— Papai, que tal contar uma daquelas histórias que só o senhor sabe?

— Você já está quase dormindo meu filho, não vai conseguir ouvi-las até o final.

— Não estou não, papai, conta, por favor!

Como de costume, Geronimo perguntava:

— Então fala qual você quer ouvir, meu filho?

Sem titubear, Matutinho respondia:
— Pode ser qualquer uma, papai.

Depois de ouvir atentamente as histórias de seu pai, Matutinho pegava um lampião de querosene, subia pela escadaria com todo o cuidado para não cair, deslocava uma das telhas do teto de seu quarto, agarrava um velho binóculo, presente de seu avô e ali, observando a casa de Candinha que morava num sítio vizinho a aproximadamente um quilômetro de distância, na esperança de que ela aparecesse na janela mesmo naquela escuridão toda ficava.